

“DEPOIS DA VIOLENTA POSSE, CUJAS MINUCIOSIDADES OMITIMOS”: TRADUÇÕES PORTUGUESAS DO ROMANCE-FOLHETIM CONFESSIONS D’UN BOHÊME, DE XAVIER DE MONTÉPIN

 Cecília Vaz^{1,2}

RESUMO

As traduções de romances-folhetim franceses “ao gosto popular” marcaram a imprensa periódica e o mercado editorial portugueses da segunda metade do século XIX, disponibilizando estes textos a um público mais vasto. Publicadas quer em fascículos colecionáveis, quer no espaço reservado ao folhetim em jornais e revistas, estas obras apostavam em temáticas sensacionalistas, frequentemente abordando o crime, e em estratégias narrativas exploravam a emoção como estratégia para atrair e fidelizar leitores. Dentro do *gênero*, Xavier de Montépin foi um dos autores mais populares e traduzidos no período em estudo. Este artigo explora duas traduções publicadas em Portugal de um dos seus romances, *Confessions*

1 Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, CIES-Iscte, Lisboa, Portugal.

2 Cecília Vaz é doutorada em História Moderna e Contemporânea, Professora Auxiliar Convidada do departamento de História do Iscte-IUL e Investigadora Associada do CIES-Iscte, integrada no grupo Dinâmicas Históricas e Integração Global do Mundo. O seu trabalho em história cultural e história urbana tem abordado o papel da circulação de ideias na difusão transnacional de representações de novos modelos identitários e de formas, práticas e espaços de sociabilidade mundanas e transgressivas, com especial foco em grupos de artistas, escritores, atores e intelectuais. É autora, entre outras publicações, de *Os Loucos Anos 1920* em Lisboa: clubes noturnos, boémia e transgressão (Lua Elétrica, 2021). E-mail: cecilia.vaz@iscte-iul.pt.

d'un bohême (1849). A primeira tradução foi editada em fascículos, entre 1852- 1853, numa coleção *económica* ligada ao periódico literário lisboeta intitulado *Galeria Litteraria*. A segunda foi publicada entre 1880 e 1883 na seção do folhetim do *Diario Illustrado*, periódico lisboeta de grande circulação. Nos dois casos, a adequação aos formatos e suportes de difusão, bem como ao público a que se destinavam, determinou cortes ou amenização de passagens do original, evidenciando o papel do tradutor na mediação e no processo de apropriação do texto ao contexto cultural e aos leitores portugueses. A análise desses exemplos oferece novas perspectivas sobre o recurso ao sensacionalismo na imprensa periódica portuguesa da época.

PALAVRAS-CHAVE

Romance-folhetim – Tradução – Xavier de Montépin (1823-1902)
– Portugal.

"AFTER THE VIOLENT ASSAULT, WHOSE DETAILS WE OMIT": PORTUGUESE TRANSLATIONS OF THE SERIAL NOVEL CONFESSIONS D'UN BOHÊME, BY XAVIER DE MONTÉPIN

ABSTRACT

The translations of French "popular-style" serialized novels had a significant impact on the Portuguese periodical press and publishing market in the second half of the 19th century, making these texts available to a broader audience. Published both as serials and in the *feuilleton* section of newspapers and magazines, these works often featured sensationalist themes, frequently addressing crime, and employed narrative strategies that used emotion as a tool to attract readers. Within the genre, Xavier de Montépin was one of the most popular and widely translated authors of this time. This article explores two translations published in Portugal of one of his novels, *Confessions d'un bohème*. The first was published between 1852 and 1853 in an affordable collection associated with the Lisbon literary journal *Galeria Litteraria*. The second was published between 1880 and 1883 in a regular section of the widely circulated Lisbon newspaper *Diário Illustrado*. In both cases, the adaptation to the formats and distribution media, as well as the target audience, led to cuts or softening of passages from the original, highlighting the translator's role in mediating and adapting the text to the cultural context and Portuguese readers. The analysis of these examples provides new insights into the use of sensationalism in the Portuguese periodical press of the time.

KEYWORDS

Serial novel – Translation – Xavier de Montépin (1823-1902) – Portugal.

Recebido em: 01/04/2024 – Aprovado em: 26/08/2024

Editores responsáveis

Adriana P. Campos

Introdução

Neste artigo proponho debruçar-me sobre o papel e interferência do tradutor de romances-folhetim publicados em Portugal, em livro e na imprensa periódica, refletindo sobre um caso particular que evidencia a intervenção destes intermediários na adaptação, omissão ou inclusão de episódios entendidos como fonte de potencial escândalo, pelo seu conteúdo de carácter sexualizado e violento. Procura-se assim explorar novas abordagens às implicações da presença do texto literário em periódicos de carácter informativo e noticioso, bem como do recurso ao escândalo na literatura folhetinesca no contexto editorial português, refletindo sobre as especificidades do suporte de publicação, livro ou jornal, em função do meio e do público-alvo a que se destinam.

A análise *focar-se-á principalmente* em duas traduções do primeiro livro da série *Confessions d'un bohême*, de Xavier de Montépin, obra do *subgénero* romance-folhetim publicada em francês em 1849-1850: a primeira numa coleção *económica* em cadernetas, logo em 1852-1853; a segunda, em 1880-1882, como folhetim do *Diário Ilustrado*, periódico diário lisboeta de grande circulação. Embora atualmente pouco conhecido ou estudado, Montépin foi um autor bastante prolífero no género do romance-folhetim, alcançando grande popularidade junto de um público alargado na segunda metade do século XIX, como atestam as muitas traduções das suas obras publicadas nesse período em língua portuguesa, tanto em Portugal como no Brasil. O texto escolhido oferece um interessante contraponto do modelo da figura do *boémio* que começou a ser internacionalmente difundida a partir de Paris na mesma época, muito impulsionada pelo progressivo sucesso alcançado a partir de meados de Oitocentos pelas *Cenas da vida boémia*, de Henri Murger. A contrastar com a representação alegre e ligeira dos *boémios* de Murger, cujos comportamentos transgressores à ordem e moral burguesas surgem retratados com bonomia, Montépin apresenta uma figura do boémio associada ao mundo do crime, alertando para o verdadeiro perigo que este pode constituir para a sociedade, enquanto procura suscitar a compaixão dos leitores para com o sofrimento de personagens de boa índole que com este se relacionam.

Ao longo da segunda metade do século XIX, o aumento da população alfabetizada e os avanços tecnológicos possibilitaram o desenvolvimento da imprensa periódica, da atividade editorial, da produção literária e do mercado cultural. A disponibilização de bens culturais em maior quantidade e a preços mais acessíveis refletiu-se no desenvolvimento de um circuito popular para o mercado editorial, que procurava tirar proveito de um público em expansão. Portugal não foi exceção: a imprensa periódica portuguesa conheceu um enorme desenvolvimento nesta época, com o surgimento de múltiplos novos títulos de jornais e revistas, evidenciando grande dispersão geográfica, embora a maioria registasse uma duração *efémera*³. No último quartel do século, assiste-se ao despontar de uma organização industrial da imprensa, com cada vez maior circulação. O circuito livreiro e a tradução tiveram também um notável impulso, principalmente através da aposta na massificação: multiplicam-se as edições baratas e de qualidade inferior, tanto de originais e como de traduções. Todas estas dinâmicas em curso a partir de 1834 valorizaram e intensificaram a procura de uma carreira nas Letras⁴.

A ocupação de escritor implicava muitas vezes uma passagem pela imprensa periódica, quer como jornalista, como folhetinista, ou como tradutor de artigos, curiosidades e folhetins novelescos, frequentemente adaptados da imprensa francesa. Efetivamente, a produção estrangeira, em particular em língua francesa, marcava o universo literário português da segunda metade do século XIX: por um lado, através da circulação de livros e imprensa estrangeira, que possibilitava o contacto com estes textos ainda no seu idioma de origem; por outro lado, pela produção de traduções para português publicadas na imprensa periódica e em livro, que disponibilizavam estes textos a um público mais vasto.

A dinâmica de aumento de traduções, versões e imitações de textos literários, ensaísticos, científicos e mesmo jornalísticos, vai progressivamente acelerar ao longo da segunda metade de Oitocentos⁵.

³ Tengarrinha, 1989.

⁴ Santos, 1985, p. 195.

⁵ Confrontar com o levantamento de traduções publicadas em Portugal realizado por Rodrigues, 1992-1994.

Verifica-se um predomínio claro das traduções de novelas românticas ou sentimentais de autores franceses “ao gosto popular”, entre os quais se destaca Paul de Kock, Alexandre Dumas, Ponson du Terrail, ou o hoje ainda menos conhecido Xavier de Montépin, rapidamente traduzidos e editados em Portugal, enquanto obras de autores hoje mais conceituados, como Balzac, demoram mais tempo a ser traduzidas e publicadas, circulando principalmente no idioma de origem⁶. A estratégia de apostar na tradução e publicação de autores e títulos que já teriam dado provas da sua popularidade em outros países procurava assegurar o sucesso do investimento. Estas traduções eram frequentemente alvo de crítica, tanto pela quantidade e duvidosa qualidade dos trabalhos, mas também pelo *facto* de se substituírem à produção de originais em português.

Estas três dimensões – imprensa periódica, literatura e tradução – confluem e intersectam-se numa secção regular que irá marcar os jornais e revistas a partir de 1840: o folhetim, em particular no seu formato de publicação em série de ficção novelesca, também conhecido como romance-folhetim.

À imagem do modelo francês, em Portugal o termo *folhetim* designava, na segunda metade do século XIX, tanto o espaço reservado nos periódicos para a publicação de *crónicas* de costumes como para a publicação de romances em série.⁷ Desta forma, e embora se tratasse de produtos de diferente natureza, a secção do folhetim na imprensa portuguesa abarcava uma imensa diversidade de temáticas e tipologias: podia incluir textos de opinião; crítica literária, teatral e musical; textos humorísticos; *crónicas* do quotidiano, de viagem e de vilegiatura; e até textos literários, desde novelas curtas a extensos romances publicados ao longo de vários meses, por vezes anos, a poemas ou até breves textos dramáticos, originais ou traduzidos.⁸ A sua localização nos jornais e revistas era diversificada e dependia muitas vezes do destaque que a

⁶ Embora se identifiquem traduções pontuais anteriores, será principalmente a partir da década de 1870 que Balzac começa a ser regularmente publicado em Portugal.

⁷ Mollier, 2018, p. 18.

⁸ Outeirinho, 2003. Rodrigues, 1998, pp. 290-291 propõe uma tipologia dividida em folhetim-crónica, folhetim romanesco, folhetim-poema, folhetim-carta, folhetim teatral, e folhetim eclético.

publicação desejava dar a determinado folhetim: podia tradicionalmente ocupar o fundo da página, espaço conhecido como “rés-do-chão”, mas podia também surgir em outras páginas e mesmo em outros espaços, como logo abaixo do título, ou não apresentar uma localização fixa, mesmo tratando-se de um episódio da mesma série.

Os estudos sobre o folhetim na imprensa periódica portuguesa têm destacado os textos autóctones nas diferentes tipologias, em particular a *crónica*, embora reconheçam o peso do romance traduzido nesta secção e a influência de modelos franceses na constituição do formato.⁹ As abordagens mais direcionadas para o romance-folhetim têm igualmente privilegiado originais portugueses, embora com contribuições valiosas para um levantamento sistemático dos romances publicados nos folhetins dos principais periódicos diários lisboetas.¹⁰ A análise da presença de romances traduzidos nos folhetins não tem ainda grande expressão para além das abordagens focadas em determinado autor, geralmente uma figura do cânone literário tradicional, que incluem a difusão da sua obra através da imprensa periódica. No entanto, a publicação de romances em série, especialmente a resultante de traduções de textos franceses, assume particular destaque e constância na imprensa periódica portuguesa, incluindo jornais de *carácter* informativo e noticioso de grande circulação. O sucesso, ainda que *efémero*, alcançado por alguns autores ou títulos associados ao *gênero* do romance-folhetim é revelador do papel que estes poderão ter desempenhado na sociedade da época, num *fenómeno* sociocultural também já estudado para o Brasil e que apresenta várias semelhanças com o caso português, nomeadamente no que respeita à valorização do modelo francês e à predominância da circulação de traduções na imprensa periódica em meados do século.¹¹

Esta ficção novelesca era considerada e criticada como produto de uma “literatura industrial” criada em função do mercado e guiada pelo lucro, versando temas “ao gosto popular”. Para além do tema do crime,

⁹ Rodrigues, 1998, p. 224ss; Outeirinho, 2003.

¹⁰ Marchis, 2009.

¹¹ Meyer, 2005.

que alcança um significativo espaço na literatura portuguesa ao longo do século XIX¹², um dos recursos característicos do romance- folhetim é a aposta em temáticas e episódios que alimentem o escândalo e o sensacionalismo para atrair e cativar leitores, potenciando as suas vendas. A sua presença assídua na imprensa periódica permite a análise de outras *perspectivas* do recurso ao sensacionalismo na imprensa periódica portuguesa na segunda metade de Oitocentos, bem como a sua articulação e confronto com outros produtos do mercado editorial, nomeadamente com o desenvolvimento das livrarias-editoras.

A tradução fortalece e expande o alcance da circulação transnacional de ideias junto de um público mais vasto, mas, simultaneamente, sublinha o processo de importação, adaptação e interpretação das ideias que veicula. O exercício implica uma transformação total das obras de partida, criando, em função das circunstâncias culturais em que os textos resultantes da tradução são produzidos e recebidos, um objeto forçosamente diferente.¹³ Ao tradutor cabe um papel fundamental no processo de mediação entre línguas e culturas, que lhe impõe determinados constrangimentos e concede várias liberdades. Os tradutores não são agentes inocentes e passivos neste processo: as escolhas que seguem são feitas em função da cultura e do contexto de *recepção* para a qual estão a verter o texto de partida, privilegiando, sobretudo, a sensibilidade e o quadro de valores partilhado pelos seus leitores. Em finais do século XIX, contudo, havia uma crença generalizada na possibilidade de uma “tradução perfeita”, que, embora noutra língua, em mais nada alterava o original.¹⁴ Esta crença não significava, porém, uma “sacralização” dos textos de origem, uma vez que eram bastante comuns, populares e aceites sem reservas as traduções denominadas de versões e de imitações, em que o tradutor adaptava livremente os textos de partida em função meios de disseminação a que se destinavam ou para os tornar mais atrativos para o público que procurava atrair.¹⁵

¹² Vaz, 1998.

¹³ Venuti, 2013, p. 10.

¹⁴ Seruya, 2024, p. 227 e 229.

¹⁵ Santos, 1992, p. 543.

Neste contexto, é possível identificar casos que podem ser entendidos como uma “censura” exercida pelo tradutor sobre o texto a traduzir, ao amenizar ou mesmo fazer cortes cirúrgicos em determinadas referências, ou descrições justificadas pelo seu contexto sociocultural. Por vezes, estas alterações resultam de uma censura imposta institucionalmente pelos regimes políticos vigentes, que procuram controlar, limitar, silenciar, e reprimir a disseminação de discursos não alinhados com a ideologia e os valores do sistema que procuravam proteger, mas podem ser determinadas por outros fatores.¹⁶ Nos casos que analisaremos *de seguida*, é possível que resultem de constrangimentos editoriais, em função do espaço a preencher. Mesmo quando o tradutor possa ter total arbítrio sobre o resultado do seu trabalho, há casos que podem ser entendidos como uma “censura” autoimposta, que se confunde fácil e frequentemente com o exercício de livre adaptação.

Estes processos são particularmente interessantes de analisar nos casos de amenização ou omissão de passagens consideradas como suscetíveis de causar escândalo pelo seu teor sensacionalista, como acontece em alguns romances-folhetim. Apesar de se tratar de textos que veiculam valores sociais e morais tradicionais, o tema do adultério é recorrente e implica muitas vezes alusões ou breves descrições da consumação do ato sexual entre amantes. Em causa está a preocupação com o impacto que a disseminação em larga escala de determinados episódios pudesse ter nos novos públicos que alimentam as dinâmicas nacionais de crescimento da leitura, provenientes de uma pequena burguesia e do operariado, mas principalmente com o público feminino, para o qual estas leituras eram vistas como um verdadeiro perigo.¹⁷

O romance-folhetim entre a imprensa periódica e as publicações em série

A presença do romance-folhetim na imprensa periódica portuguesa da segunda metade de Oitocentos servia diversos objetivos editoriais.

¹⁶ Seruya e Moniz, 2008.

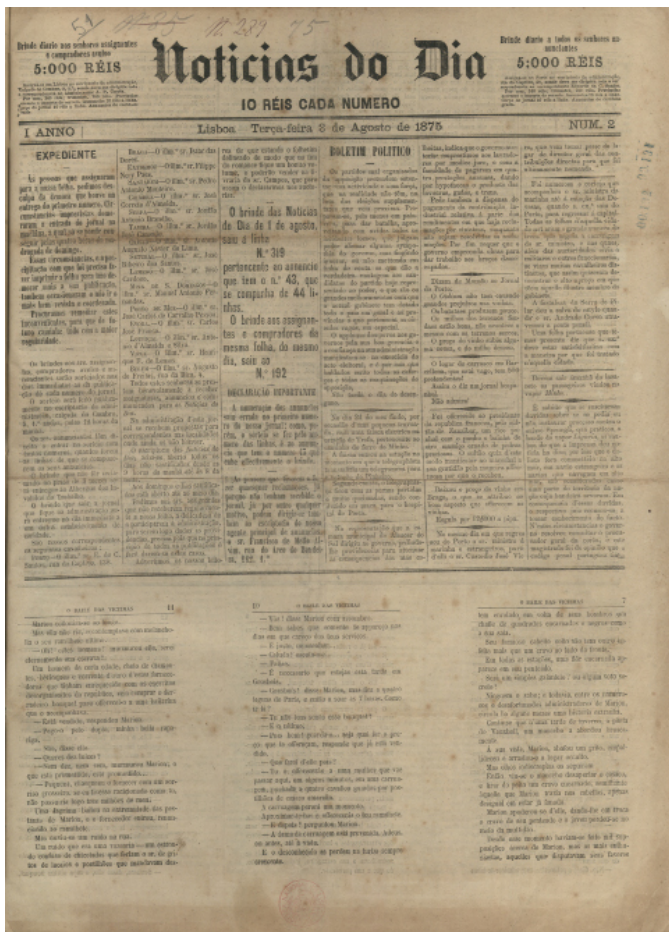
¹⁷ Vaquinhas, 2010.

Se, por um lado, procurava contribuir para a dinamização de mudanças sociais e culturais, ao difundir certos temas ou autores, regendo-se por uma intenção de carácter mais didático-pedagógico que tinha como maior objetivo cultivar, informar e por vezes mesmo moralizar as classes populares, por outro lado, servia objetivos claramente comerciais, integrando uma estratégia de captação e fidelização do público leitor, visando gerar lucro ao alavancar vendas e assinaturas.

A difusão de determinados autores e obras na imprensa periódica desempenhava um relevante papel na democratização do acesso do leitor comum a autores estrangeiros. O seu sucesso alimentava a publicação de novas traduções da mesma obra ou de outras obras do mesmo autor. A seleção de textos ou autores a traduzir e difundir resulta de um complexo processo e dinâmico no qual interferem e contribuem uma multiplicidade de agentes e atores, incluindo outros editores, tradutores, escritores, folhetinistas, artistas, e até mesmo o público ao qual as traduções se destinam. A popularização de temas ou autores nos folhetins da imprensa periódica decorria em articulação e estreita relação com coleções *económicas* publicadas em fascículos semanais, frequentemente editadas pela mesma empresa, como é exemplo *Os bons romances da Bibliotheca do Archivo do Povo*, da mesma empresa que editava *O Archivo do Povo*, semanário ilustrado, profusamente anunciados no jornal¹⁸. Periódicos e coleções partilhavam catálogos de autores, portugueses e estrangeiros, e constatarem-se tendências semelhantes ao nível dos *gêneros* privilegiados, alternando entre romance histórico original português e um romance folhetim traduzido de um autor da moda.

A estreita relação entre livro e imprensa periódica, literatura e periódicos noticiosos, *romances-folhetim* em *folhetins* de jornais e em livro pode ser ilustrada pela capa do Notícias do Dia, em que o espaço tradicionalmente reservado ao *folhetim* é ocupado pela reprodução de três páginas (e outras três na segunda página) do romance-folhetim *O Baile das Vítimas*, de Ponson du Terrail, numa versão de Valentim D'Almeida publicada pela Biblioteca Horas de Recreio no mesmo ano:

¹⁸ AAVV, 1870.



Noticias do Dia, ano 1, n.º 2, 3/08/1875, p. 1. Biblioteca Nacional de Portugal, <https://purl.pt/29705.1>.

Entre imprensa periódica e publicação em fascículos, a principal característica do romance folhetim reside no *facto* de ser um texto propositalmente concebido para ser publicado em série, procurando potenciar e tirar partido desse formato: o poder ser (r)escrito à medida que era publicada possibilitava a introdução de alterações ao rumo da narrativa ou de determinado personagem em função da *recepção* dos leitores, ou mesmo fazer ajustes ao seu texto em função das necessidades

de espaço disponível para publicação. Este é um recurso que se encontrava tanto disponível para o autor como para o tradutor. Independentemente de o texto de partida se tratar ou não de uma obra publicada em série, o tradutor de um texto que se destinava a ser assim publicado podia estender determinados episódios em função do sucesso verificado no novo contexto ou precipitar acontecimentos conducentes ao desfecho da narrativa, de forma a concluir rapidamente o folhetim no caso de não cair nas boas graças dos assinantes.

Se é *facto* que os romances-folhetim apresentavam várias intrigas que se confundiam entre si e incongruências e falhas no enredo, no processo de tradução e adaptação de um romance para ser publicado na secção do folhetim de um periódico o mesmo poderia acontecer sem que houvesse correspondência no texto de origem. Por outro lado, por serem publicadas e revistas de forma faseada e muitas vezes irregular, as ficções novelescas publicadas em *folhetim* na imprensa periódica apresentam frequentemente erros, lapsos e gralhas revelados por uma leitura sequencial, mas que podem escapar quando há obrigatoriamente intervalos de tempo entre a leitura.

Autores, tradutores e leitores da época estavam perfeitamente familiarizados com os códigos semióticos do *romance-folhetim*, ao ponto de os satirizarem no folhetim *Os Escândalos de Lisboa*, escrito a sete mãos por Augusto Xavier de Melo, Carlos de Moura Cabral, Eduardo Schwalbach, Gervásio Lobato, Jaime Victor, João Costa e Urbano Castro, publicado no *Correio da Manhã* em 1885, e republicado no *Diário Ilustrado* em 1908.¹⁹

Regra geral, os romances publicados em folhetins na imprensa periódica eram vistos como produtos de uma literatura considerada como ligeira, destinada a ser consumida em grande escala e acessíveis a um público alargado que privilegiava o entretenimento, embora também fosse possível fazer-se um uso político destes conteúdos, disseminando determinados valores e representações do país.²⁰ Constatam-se claras convergências, interseções temáticas e de convenções narrativas com

¹⁹ *Diário Ilustrado*, 20/09/1908.

²⁰ Marchis, 2009.

uma literatura considerada como mais erudita, e eram textos e autores que cruzavam fronteiras sociais numa lógica de circulação e práticas de leitura, igualmente lidos (e por vezes até apreciados, embora mais frequentemente criticados²¹) pelas elites intelectuais, que, contudo, não precisavam de traduções para poder aceder às obras, consumindo-as muitas vezes em francês. A *recepção* de Montépín entre os círculos letrados em Portugal exemplifica estas dinâmicas na segunda metade do século XIX.

Os romances-folhetim de Xavier de Montépín em Portugal

Xavier de Montépín (1823-1902) é atualmente um autor que praticamente caiu no esquecimento, do qual não se encontram reedições recentes da sua obra (quer em francês, quer traduções), e que não tem sido objeto de qualquer atenção pelos estudos literários. O seu legado, a par de outros escritores de *romances-folhetim* da época, como Ponson du Terrail ou Paul Féval, poderá ser inscrito numa tradição literária que ainda hoje é produzida e consumida, embora de forma atualizada, mas que se caracteriza por uma rápida desatualização dos autores e obras, sucessivamente esquecidos e substituídos por novos nomes. Contudo, ao longo da segunda metade de oitocentos, foi um autor de assinalável popularidade, profusamente publicado e traduzido em diversos idiomas, incluindo o português, tanto em Portugal como no Brasil, com vários títulos publicados em folhetins de periódicos do Rio de Janeiro, como a *Gazeta de Notícias* ou o *Jornal do Comércio*, logo a partir de 1856-1857²². Uma análise às traduções da sua obra publicadas em Portugal ao longo da segunda metade de oitocentos até às primeiras décadas do século XX atesta tanto a popularidade como a produtividade deste autor.

A tentativa de sistematizar exaustivamente todos os títulos publicados em Portugal ao longo deste período, tanto em livro, como em fascículos, *cadernetas semanais* ou tomos, como ainda na imprensa

²¹ Melo, 2013.

²² Nadaf, 2002, pp. 377-402.

periódica, é dificultada por diferentes obstáculos. Por um lado, a grande quantidade de traduções publicada a par das lacunas de informação que apresentam: a falta de indicação de data e local de edição, de editora, ou do responsável pela tradução; a omissão dos títulos em francês, que dificulta a identificação da obra de origem, agravada tanto pelo facto de se tratar de textos editados repetidamente e de forma dispersa em francês, muitas vezes sob títulos diferentes, como pelo facto de as traduções serem muitas vezes versões livres e adaptações. Por outro lado, os diversos formatos em que foram publicadas (livro, fascículos ou *cadernetas*, *folhetins* na imprensa periódica) multiplicam as referências. No que diz respeito às edições em livro, a sistematização é dificultada pela degradação dos exemplares disponíveis, devido à má qualidade da impressão que caracterizava maioritariamente a edição destas traduções, ou por se tratar de fascículos colecionáveis encadernados *a posteriori*, ou mesmo a total inexistência de alguns títulos anunciados na imprensa da época como se encontrando à venda, resultantes da pouca valorização destas publicações pelos leitores e arquivistas. Quanto às traduções publicadas na imprensa periódica em folhetins, a sua dispersão por títulos publicados em vários pontos do país, muitas vezes de forma incompleta, agiganta a empreitada.

Apesar de apresentar alguns erros e omissões, o catálogo de fontes *A Tradução em Portugal* revelou-se muito útil na identificação de traduções de Xavier de Montepin publicadas em Portugal, contabilizando-se mais de uma centena de títulos editados ao longo da segunda metade de Oitocentos.²³

Só na imprensa periódica lisboeta há a registar: no *Diário Ilustrado*, *Os cavalheiros do Lansquenet* (iniciado a 8/03/1876) e *Confissão de um Boémio* (9/09/1880 a 4/04/1883); no *Diário de Notícias*, *A Noiva Milionária* (13/02/1891 a 28/12/1891), *Um Monstro Feminino* (5/9/1893 a 31/3/1894), e *O Marido de Helena*, versão de Julio Rocha (1/4/1894 a 12/1/1895); *As Mulheres de Bronze. Drama Parisiense*, no *Comércio de Lisboa* (18/09/1879 a 29/06/1880), continuado no *Diário de Lisboa* (7/07/1880 a 28/10/1880);

²³ Rodrigues, 1992-94.

e n'O *Diário da Manhã*, *Um Crime Tenebroso*, (20/07/1882 a 20/09/1883). Dos diários lisboetas de grande circulação, só O Século poderá não ter publicado um *folhetim* de Montépín no período em estudo.

Em formato autónomo, algumas obras tiveram mais do que uma tradução publicada em Portugal²⁴. O mesmo tradutor podia traduzir vários romances de Montépín²⁵, mas, com alguma frequência, tanto em livro como na imprensa periódica, a autoria da tradução não é identificada. Por outro lado, foi *detetado* pelo menos um caso em que o próprio nome de Montépín se encontrava omissa numa tradução em português de uma obra identificada como sua, como se analisará à frente, pelo que é forçoso admitir que tal poderão existir outras ocorrências semelhantes.

Muitos dos romances-folhetim de Montépín traduzidos em Portugal são ambientados na segunda metade do século XVIII, embora se apresentem como uma “novela de intriga” que se afasta do “terreno vasto e espinhoso do romance histórico”²⁶. Outros centram os intricados enredos num período coevo ao da escrita, embora sejam frequentes as analepses para revelar detalhes das origens dos protagonistas e dos seus antepassados, criando enredos dentro da trama principal.

Apesar de ser um caso de enorme sucesso comercial (ou justamente por conta disso), em Portugal as obras de Montépín foram frequentemente criticadas pela sua fraca qualidade literária, tanto a propósito das suas obras em francês como das traduções portuguesas. Tirando algumas pontuais exceções, as traduções são de assinalável má qualidade, pelo que apenas se poderá interpretar como profundamente sarcástica a tirada de D. Thomaz de Mello, numa ocasião em que se encontrava em

²⁴ Como é exemplo o caso de *Les viveurs d'autrefois*, traduzido por Alberto Pimentel (ver Xavier de Montépín (s.d.). *Os elegantes de outro tempo*. Lisboa: Coleção Pedro Correia) e, numa tradução não assinada, na versão intitulada *Os libertinos do século passado*, in AAVV (1870). *Os bons romances*, 1º vol. Lisboa: Typ. Commercial, pp. 127-211.

²⁵ A. M. Cunha e Sá assinou várias traduções de Xavier de Montépín, algumas publicadas em cuidadas edições ilustradas pela David Corazzi, como são exemplo *Os fantoches de madame Diabo*, com ilustrações de Rafael Bordalo Pinheiro, publicados entre 1883-1884, ou os dois títulos publicados na coleção *Biblioteca Seleta Ilustrada*, com ilustrações de Manuel de Macedo no final da década de 1880: *Os antros de Paris* e *O testamento vermelho*.

²⁶ Montépín, “Os libertinos do século passado”, in AAVV, 1870, p. 127.

casa doente: “Nem escrevo nem leio, a não ser Montépin, vertido em português, para não esquecer de todo a boa linguagem que em novo saboreei no meu padre António Vieira.”²⁷

Xavier de Montépin era frequentemente apontado como um dos exemplos do “mercantilismo infrene” que assolava as traduções de romances franceses publicadas em Portugal: em 1866, Manuel Pinheiro Chagas classificava as obras deste autor como “monstruosidades”, criticando “os crimes loucos, as orgias de ouro e de lascívia que lhe enchem os intermináveis volumes.”²⁸ Também Eduardo Lobo de Barros, conhecido como Beldemónio, apontava igualmente a Montépin uma preferência por episódios em que “celerados de casaca efetuam os mais revoltantes malefícios, numa abstração convencional da polícia”²⁹, criticando as suas obras pela falta de qualidade literária e classificando-as entre os “certos livros da decadência romântica em que floresceram Ponson e Mequet e em que Montépin e Boisgobey arrastam miseravelmente a sua vidinha”.³⁰

As obras de Montépin seriam, contudo, igualmente apreciadas por figuras de destaque das letras portuguesas. O editor Henrique Marques rotulava os escritos de Montépin (que citava a par de autores como Terrail, Dumas ou de Kock) como “romances franceses de imaginação”, reconhecendo o seu apreço por essa literatura que havia lido com entusiasmo na juventude e que, mais tarde, empreendeu em editar, embora agradecesse a quem o tinha em devido tempo emancipado desse gosto e educado para a apreciação de autores portugueses³¹. Já Fialho de Almeida chamava-lhes “romances de capa e espada”, apreciando as “barafundas dramáticas” típicas destes enredos³², e tornando-se um entusiasta leitor, comprador e colecionador deste *gênero*. Segundo o testemunho de Henrique Lopes de Mendonça, “a predileção serôdia pelo

²⁷ Mello, 1904, p. 41.

²⁸ Chagas, 1866.

²⁹ Beldemónio, 1883, p. 15.

³⁰ Beldemónio, 1902, p. 167.

³¹ Marques, 1935, p. 82.

³² Almeida, 1923, pp. 50-51.

que se pode chamar a literatura de cordel dos modernos tempos” que Fialho de Almeida revelara em idade avançada, levando-o a “enaltecer os méritos de Paulo Féval, de Xavier de Montépin, de Ponson du Terrail, de tantos outros inclusos no *Index Expurgatório de Zola*”, justificava-se por não ter passado por esta fase na altura própria, ou seja, nos seus tempos de juventude: “A ânsia de libertinagem, manifestada tardiamente pela forte imaginação do Fialho, denunciava uma inversão nos estádios normais da evolução mental. Na ascensão triunfal do seu talento, ele galgara os primeiros socos sem pousar neles.”³³ Júlio Dantas justificava esta predileção de Fialho por Montépin e Ponson du Terrail por este estar cansado “da literatura moderna, do romance parado, estático, míope, imobilizado na análise dos infinitamente pequenos do sentimento e do carácter” e precisar de “ação, vida, movimento, força, – humanidade. Grandes conflitos, grandes paixões, grandes catástrofes. Amplitude, poder, força criadora.”³⁴

Montépin surge assim como um autor de romances-folhetim abundantemente traduzido em Portugal, que alcançou enorme popularidade, revelando-se uma aposta segura para atrair leitores e assinantes.

³³ Mendonça, 1917, pp. 135-136.

³⁴ Dantas, [1914], p. 51.

Interferências do tradutor: o caso de Confissões de um boêmio

Sob o título *Confessions d'un bohême*, Xavier de Montépín publicou em francês, a partir de 1849 e ao longo de vários anos, pelo menos seis volumes seguindo as aventuras e desventuras de diversos personagens, num intrincado enredo recheado de *cliffhangers*, seduções, amores proibidos, adultério, troca de identidades, coincidências, enganos, equívocos, planos maléficos, chantagens, roubos, violações, homicídios e até mortes causadas por choque emocional.³⁵

O meu interesse por esta obra e, especificamente, pelas suas traduções em português, surgiu no âmbito de uma investigação sobre a introdução e disseminação em Portugal dos novos sentidos que o termo *bohême* ganhou na língua francesa entre 1830 e 1850. Inserida numa dinâmica de popularização e difusão transnacional dos ideais da *boémia*, a representação do boêmio no texto de Montépín oferece uma alternativa sensacionalista e escandalosa à imagem mais conhecida e sentimental, quase nostálgica, difundida por Murger nas suas *Scènes de la vie de bohême*, inicialmente publicadas em formato *folhetim* sob o título *Scènes de la bohême* na revista *Corsaire Satan*, mais tarde apenas *Corsaire*, entre 6/05/1846 e 21/04/1849, e reunidas em livro em 1851, na sequência do estrondoso sucesso da sua adaptação teatral. Enquanto Murger se foca nas dificuldades sentidas por artistas e escritores antes de alcançarem o reconhecimento do público, promovendo uma figura do artista marginal simpática e tornando a *boémia* num mito agradável e bem recebido pelo público burguês, apesar da aparente oposição entre os dois mundos, Montépín apresenta o *boêmio* como um indivíduo perigoso, que tende

³⁵ Como já mencionado, é difícil precisar datas precisas para a publicação dos textos de partida. No começo da década de 1870, as *Confessions d'un bohême* eram já constituídas por seis volumes: I. Un drame en famille; II. La Duchesse de La Tour-du-Pic; III. Mamzelle Mélie; IV. Un amour de grande dame; V. L'agent de police; VI. Le Baron de Maubert.

para a criminalidade e marginalidade, sexual e moralmente dissoluto, não estabelecendo qualquer ligação ao mundo das letras e das artes.³⁶

No início do primeiro volume da obra de Montépin, o narrador relata as circunstâncias em que tomou posse das memórias de um excêntrico personagem, explorando precisamente a evolução semântica do vocábulo. Apelando para a familiaridade do leitor com esta realidade, define-se o "*boémio*" do título como alguém que explora "com temível destreza, as péssimas inclinações da humanidade", se posiciona à margem da lei e da sociedade, levando uma vida misteriosa e aventureira, "semeada de cenas extravagantes e dramas desconhecidos", movimentando-se em diferentes meios, aos quais se consegue astuciosamente adaptar, assumindo diversas identidades. As "existências singulares, ora douradas, ora miseráveis; ora alegres, ora sinistras, nunca inofensivas, e algumas vezes audaciosamente criminosas" destes *boémios* tornam-nos apetecíveis para um escritor de romances, uma vez que "permitem encerrar a vida parisiense sob as suas faces menos exploradas"³⁷. O romance promete assim revelar os "mistérios, amores, lutas, esplendores, e misérias da extraordinária vida *boémia*", contendo "estranhas situações, episódios excêntricos, pinturas de um colorido medonho, cenas tiradas de costumes"³⁸. O plano da narrativa tem lugar no tempo coevo ao da publicação, em Paris, em maio de 1848, mas a ação principal recua a 1805 para descrever longamente a ascendência do protagonista.

O carácter sensacionalista do romance é reconhecido pelo próprio narrador, que se dirige ao leitor lamentando o facto de *As confissões de um Bohémio* se tratar de "um desses livros dum mérito infinitamente

³⁶ Para uma análise do entendimento de boémia presente nesta e em outras obras de Montépin, bem com a sua articulação e comparação com representações e visões distintas patentes em obras de outros autores traduzidas em Portugal na segunda metade do século XIX, particularmente os casos de *Cenas da vida boémia*, de Henri Murger, e *Um Príncipe da Boémia*, de Honoré de Balzac, ver Vaz, 2021, cap. 5.

³⁷ Segue-se a tradução de Castro, 1852, pp. 3-4. Confrontar com Montépin (1849), pp. 8-11.

³⁸ Castro, 1852, pp. 3-4; Montépin, 1849-1850, t. I, pp. 40-41.

duvidoso; mas que infelizmente é do que gostam os leitores da nossa época”, em que o que importa é que “o livro comova ou aterre”.³⁹

Foi possível identificar duas traduções em português editadas em Portugal: a primeira, em 1852-1853, numa coleção *económica*, destinada a um circuito popular, que inclui as partes Um Drama em Família e A Duquesa de La Tour-du-Pic; a segunda, em 1880-1882, publicando as seis partes conhecidas, embora sem concluir a publicação do romance como folhetim do *Diário Illustrado*, periódico diário lisboeta publicado entre 1872 e 1911. O confronto destas traduções com o que poderá ter sido o texto de partida em francês expôs várias interferências dos tradutores portugueses que evidenciam a adaptação para o contexto sociocultural de *receção*, principalmente no que diz respeito a cortes e acrescentos à obra de Montépín.⁴⁰

A primeira tradução publicada em Portugal de *Confessions d'un bohême* levou o processo de apropriação por parte do tradutor ao ponto de omitir a identidade do autor francês. Ambos os tomos que reúnem os fascículos publicados sob o título *Confissões de um Bohemio* (1852-1853) referem apenas tratar-se de uma tradução do francês realizada por António Urbano Pereira de Castro, integrada na coleção *Galeria Literária. Parte Romântica*, uma iniciativa das publicações que Pereira de Castro também dirigia e, provavelmente, até imprimiria.⁴¹ Este era um dos romances traduzidos do periódico literário lisboeta intitulado *Galeria Litteraria*, publicação que em 1853 anunciava apresentar “artigos de moral religiosa, originais e traduzidos, algumas poesias, e variedades”⁴², criada de forma a alavancar a publicação dos romances, que parecem

³⁹ Castro, 1852, p. 113; Montépín, 1849-1850, t. III, pp. 174-175.

⁴⁰ Assume-se que o texto de partida para Castro, 1852 e 1853 terá sido Montépín, 1849-1850. Tal assunção é dificultada no caso do folhetim publicado no início da década de 1880, época em que já existiam várias edições da obra em francês, algumas com significativas alterações, nomeadamente no que diz respeito aos episódios aqui analisados. É provável que essa tradução seguisse Montépín, 1878.

⁴¹ Castro, 1852 e 1853: o tomo II é impresso na Tipografia Urbanense.

⁴² Deste periódico foi apenas possível consultar o número 10, datado de “Abril 2 de Março [sic]”, 1853, que inclui um poema original em português, uma anedota, uma charada e uma advertência em resposta aos pedidos dos assinantes e referente à publicação de traduções de romances em folhetim.

ser o principal foco. Tal como o jornal, os romances eram impressos em papel de má qualidade, com uma mancha gráfica pouco cuidada e sem ilustrações, sem dúvida a fim de permitir um preço de venda mais acessível. O formato em fascículos independentes facilitaria a sua coleção e encadernação. A omissão da referência ao nome do autor poderá resultar do *facto* de Montépín ser ainda pouco traduzido e conhecido em Portugal no início da década de 1850 e, por essa razão, não exercer ainda grande atração sobre os leitores.

A adaptação e apropriação do texto de Montépín pelo tradutor Pereira de Castro implicou pontuais cortes e acrescentos à obra que poderão esclarecer algumas das intenções subjacentes à escolha da publicação deste romance em particular. Em dois episódios diferentes, ambos referentes a cenas que descrevem estupros de mulheres, jovens e apaixonadas por outros homens, pelos seus próprios maridos mais velhos, constatou-se a omissão de excertos do texto de partida francês ou a sua substituição por novo texto da autoria do tradutor.

Numa das passagens, a detalhada descrição dos gritos de socorro, as ameaças de morte e a luta entre o casal antes das relações sexuais forçadas é sintetizada em poucas palavras: “Uma cena espantosa, horrível, e medonha se passou em seguida no quarto de Bertha”⁴³. Segue-se um comentário do narrador acrescentado à versão portuguesa que torna explícitas as intenções de tal corte:

Opudoreacastidadeobrigam-nosadeixarnosilêncioassuasparticularidades, e a só dizermos que Bertha foi manchada, e forçada por seu próprio marido, que não duvidou, para a poder gozar, de lhe apertar com as mãos até a deixar sem sentidos e quase morta.⁴⁴

Embora partilhe as informações essenciais, o tradutor e editor português apresenta uma versão mais sóbria do relato, atenuando o escândalo que poderia causar. A omissão dos detalhes visa então manter a moralidade virtuosa a que considera necessário obedecer, evitando um

⁴³ Confrontar Montépín, 1849-1850, t. III, pp. 272-275, e Castro, 1853, p. 14.

⁴⁴ Castro, 1853, p. 14.

registro sensacionalista. A versão da cena em francês procura provocar maior comoção no leitor através da descrição pormenorizada da luta e das reações das personagens e, embora não descreva tão detalhadamente o ato sexual, retrata o agressor como tomado por uma “raiva erótica que o marquês de Sade, de hedionda memória, poderia, apenas, compreender e descrever”, uma passagem omitida em versões francesas posteriores.⁴⁵

Outro episódio de estupro de uma outra jovem pelo seu marido é totalmente suprimido na versão portuguesa, interrompendo o recém-iniciado capítulo com reticências.⁴⁶ Embora se mencione abreviadamente o desejo do velho duque Latour du Pic pela esposa, Mathilde, filha de Bertha, omite-se toda a descrição do ataque e que culmina no estupro da jovem, incluindo a observação do narrador de que é destino das mulheres da casa de Chaumont serem violentadas pelos maridos. A diferença entre a descrição detalhada ao episódio da versão francesa e a supressão de todos os pormenores na tradução portuguesa é espelhada no início do capítulo seguinte: enquanto na primeira se sublinha o papel de “*trop fidèle historien*”⁴⁷ do narrador na cena descrita, na segunda a narrativa é retomada com um reconhecimento dos cortes realizados, ainda que tal não seja completamente explícito para o leitor: “Depois da violenta posse, cujas minuciosidades omitimos [...]”⁴⁸. Opõem-se assim duas abordagens à mesma cena: numa, os detalhes quase voyeuristas procuram apelar à emoção do leitor, mas também conferir maior verosimilhança à descrição; na outra, a contenção e o pudor impedem a revelação dos pormenores mais chocantes, procurando suavizar o tom do romance nestes episódios mais violentos.

Pereira de Castro procura justificar a publicação das Confissões de um Boémio em Portugal numa longa advertência dirigida ao “Leitor amigo, indiferente ou inimigo” incluída no final do primeiro tomo, assinada pelo “Tradutor e editor”, expondo o receio de críticas à escolha por se tratar de

⁴⁵ Montépin, 1849-1850, t. III, p. 274: tradução da autora. Confrontar Montépin, 1878, p. 80.

⁴⁶ Confrontar Montépin, 1849-1850, t. IV, pp. 55-60, e Castro, 1853, p. 24.

⁴⁷ Montépin, 1849-1850, t. IV, p. 61.

⁴⁸ Castro, 1853, p. 24.

uma obra capaz de “ferir a suscetibilidade de muita gente”, tanto pelos temas que aborda, como “vícios e crimes sociais”, como pelo carácter dúbio e atos criminosos de algumas das suas personagens. Em sua defesa, alega que a publicação presta “um serviço e bem valioso”, pela lição moral que presta:

Não encontramos nisto razão para condenar o livro, que escolhemos. Se ele não contivesse uma tal ou qual moralidade, se ele não ensinasse à esposa virtuosa a ser o que sempre fora para se não ver nunca obrigada a corar pelos desconcertos, pelos crimes, pelos males gravíssimos, que traz consigo o esquecimento dos deveres sagrados de esposa... se ele não nos mostrasse palpavelmente que todos devemos aplicar-nos, e escolher uma vida e carreira honrosa, para nos não acharmos a cada passo comprometidos tanto no presente como no porvir... daríamos razão a todos que dissessem mal da nossa escolha e a estigmatizassem. Finalmente, e para o dizermos d’uma só vez, este livro de mérito duvidoso, como diz o próprio autor, é escrito de uma forma amena, e interessante, que arrebatava, e comove; é uma sátira a vícios; mas nada tem com a pessoa dos viciosos. A questão é de coisas e não de pessoas.⁴⁹

Deste modo, apesar da assumida e verificada intervenção editorial na censura de algumas cenas, fruto da necessidade de amenizar descrições de episódios considerados licenciosos de modo a controlar o texto e a torná-lo conforme à moral vigente, o tradutor e editor assegura que não haverá razões para criticar ou censurar o restante conteúdo, pois o mau exemplo que retrata incentiva a práticas corretas. Estas justificações enquadram-se numa visão que teme os efeitos nefastos dos romances e novelas, principalmente junto do público feminino, julgado como facilmente influenciável por estes conteúdos moralmente duvidosos, opinião que se generaliza nos círculos cultivados na segunda metade de Oitocentos e que perdurará até meados de Novecentos.⁵⁰

Este primeiro volume de *Confessions d'un bohême* teve ainda uma nova tradução difundida em Portugal: em setembro de 1880, o *Diário*

⁴⁹ “Leitor amigo, indiferente ou inimigo”, in Castro, 1852, p. 114.

⁵⁰ Vaquinhas, 2010.

Illustrado iniciou a publicação em folhetim de uma nova tradução, sob o título *Confissão de um boémio*, regra geral publicado no pé da primeira ou da segunda página, a seis colunas, segundo o formato do jornal.⁵¹ Ao contrário do que se verificava com a edição de Pereira de Castro, neste folhetim o nome de Xavier de Montepin encabeça o título do folhetim, mas a autoria da tradução não é identificada. Nas quase três décadas que separam as duas traduções, Montepin havia conquistado enorme popularidade e o seu nome atuaria inegavelmente como chamariz para os leitores do periódico.

O *Diário Illustrado*, título lisboeta dedicado a conteúdos noticiosos e recreativos, fundado por Pedro Corrêa da Silva em junho de 1872 e publicado diariamente até 7 de janeiro de 1911, assumia-se politicamente primeiro como regenerador e, a partir de 1903, como regenerador-liberal. Mesmo depois da implantação da República, em 16/12/1910 reclamava “a sua tradicional feição de jornal conservador, arreigada e convictamente monárquico”.⁵²

Pedro Corrêa da Silva (1837-1893) encabeçou várias iniciativas editoriais de sucesso, tendo fundado outros periódicos, como o *Correio da Europa* ou a *Ilustração Portuguesa*, e editado de várias coleções populares e económicas, como a *Bibliotheca Pedro Corrêa*, ou a *Biblioteca dos Dois Mundos*, claramente inspirada na francesa *Revue des Deux-Mondes*. Com estas coleções afirmava procurar “contribuir de certa forma para o desenvolvimento da instrução pelo meio altamente eficaz da propagação da leitura”, através da publicação de traduções de romances de escritores estrangeiros, procurando atrair o público com esta literatura e assim superar as resistências populares ao “licor benéfico da instrução”.⁵³ Seria ainda responsável pela iniciativa de traduzir e publicar sistematicamente as obras da *Comédia Humana* de Balzac no final da década de 1880. Pinheiro Chagas atribuiria o sucesso de Pedro Corrêa como editor ao facto de perceber “bem o gosto do público”, explorando “como era o

⁵¹ *Diário Illustrado*, 9/09/1880, p. 2.

⁵² *Diário Illustrado*, 16/12/1910, p. 1. O jornal acabou na sequência do assalto e destruição das suas instalações a 8/01/1911: ver Lemos, 2020, p. 297.

⁵³ P.C.S. [Pedro Correia da Silva] (s.d. [1864]), pp. 3-4.

seu direito de editor, a imbecilidade pública”, vigando assim os “livros encantadores que ele editou muitas vezes por amor da arte e que lhe ficaram pejando as estantes.”⁵⁴

A escolha de Montépín para ser publicado em *folhetim* no *Diario Illustrado* pode ser compreendida à luz da relação estabelecida com a coleção *Bibliotheca Pedro Corrêa*, um projeto que contava então já com 54 volumes publicados, entre os quais cinco obras de Montépín: *Os Elegantes d'Outro Tempo*, *O Palácio dos Fantasmas*, *Os Dramas da Vida*, *A Morta Viva*, e *A Contessa de Talmay*.⁵⁵

A publicação deste folhetim é profusamente anunciada como “uma história umas vezes alegre ou comovente, e noutras medonha, horrorosa, mas sempre interessante, prendendo de princípio ao fim o leitor, com as suas situações estranhas, lances inesperados, episódios excêntricos”⁵⁶, com o plano detalhado da estrutura e capítulos dos seis livros. Dias depois, o *Diario Illustrado* explicava aos leitores que o atraso no folhetim anunciado se devia ao facto de ter sido alertado para a existência de uma tradução que se encontraria à venda, pelo que se tinha imposto averiguar primeiro a situação. Tendo concluído que apenas se encontrava disponível o primeiro livro, correspondente ao primeiro tomo da edição de Pereira de Castro, e que a tradução teria parado aí, não abarcando a totalidade da obra, o periódico decide “não dever, pelo *facto* de se achar essa pequeníssima parte já publicada, privar os assinantes de uma obra de tanto interesse.”⁵⁷ A publicação deste *folhetim* vai realmente estender-se por longo tempo: dois anos e meio depois, o periódico ainda anunciava a continuação nos próximos números do folhetim, que contava já com 429 partes.⁵⁸

⁵⁴ Chagas, *A Ilustração Portuguesa*, 10/05/1886, p. 3.

⁵⁵ Anúncio publicado em *Diario Illustrado*, 30/08/1880, p. 4.

⁵⁶ *Diario Illustrado*, 30/08/1880, p. 3.

⁵⁷ *Diario Illustrado*, 9/09/1880, p. 1.

⁵⁸ *Diario Illustrado*, 4/04/1883, p. 2: a partir de fevereiro de 1883 verificam-se longos hiatos entre os poucos folhetins das Confissões publicados (apenas seis em dois meses). Entre setembro de 1880 e abril de 1883, o *Diario Illustrado* publicou nesta secção as partes intituladas “Um drama de família” (9/09/1880 a 15/12/1880), “A Duquesa de Tour-Du-Pic” (15/12/1880 a 1/06/1881), “Mamzelle Mélie”

Os primeiros dois livros, efetivamente correspondentes à tradução de Pereira de Castro em meados do século, são publicados em pouco mais de nove meses, implicando alguns cortes na obra que se estendia ao longo de cinco tomos na edição francesa de 1849-1850 e dois tomos na tradução portuguesa de 1852-1853. Esses cortes não afetam, contudo, os episódios atrás analisados.

A descrição da violenta pose de Bertha pelo seu marido segue de perto o texto de Montépin, incluindo os gritos de socorro, as ameaças de morte e a luta entre o casal, sem que “o pudor e a castidade”⁵⁹ que haviam silenciado Pereira de Castro se imponham nesta versão. Contudo, em confronto com o texto francês, constata-se a omissão do comentário sobre a “raiva erótica” à maneira do Marquês de Sade que acomete o agressor, igualmente omissa na versão francesa de 1878, que poderá ser o texto de partida para esta tradução.⁶⁰ Também o episódio de Mathilde e do Duque segue aqui fielmente a versão francesa, sem omissão dos detalhes mais sórdidos e os respetivos juízos a propósito de o casamento se configurar como “uma verdadeira prostituição, e a mais odiosa de todas, a prostituição legal”⁶¹. O tradutor deste folhetim assume assim o papel de “historiador fiel”, seguindo de perto acontecimentos e a fonte da sua versão.

Conclusão

O confronto entre a tradução de Pereira de Castro e a tradução publicada em folhetim no *Diário Ilustrado* revela diferentes escolhas do tradutor em relação a estes dois episódios em particular: na primeira, o tradutor opta por omitir ou suavizar os detalhes que considera mais

(1/06/1881 a 7/11/1881), “Amor de uma princesa” (7/11/1881 a 1/03/1882), “O Agente da Polícia” (1/03/1882 a 28/07/1882) e “Escravidão Branca” (iniciado a 28/07/1882, ainda não concluído a 4/04/1883). Não foi possível confirmar a data de conclusão do folhetim, se é que chegou a ter lugar.

⁵⁹ Castro, 1853, p. 14.

⁶⁰ Confrontar Montépin, 1849-1850, t. III, p. 274; Montépin, 1878, p. 80; e *Diário Ilustrado*, 23/01/1881, p. 2.

⁶¹ *Diário Ilustrado*, 12/02/1881, p. 1 e 14/02/1881, p. 1.

chocantes; a segunda tradução, fiel ao texto de origem, inclui todos os detalhes da cena.

Estas diferenças podem resultar das quase três décadas que separam as traduções: passagens vistas como escandalosas em meados de Oitocentos, traduzidas para português passado poucos anos da sua edição inicial em francês, já não provocam a mesma sensação nas últimas décadas da centúria. Tal pode decorrer da “dessensibilização” do público leitor, já mais habituado a cenas deste teor pela maior familiaridade com outros romances-folhetim, de Montépin ou de outros autores, publicados em livro ou na imprensa periódica, nos quais a “censura” exercida pelo tradutor não se fez tanto sentir.

É necessário ter também em conta o público-alvo e a forma como este tem acesso às duas traduções. Se no primeiro caso a publicação em série é feita em cadernetas que incluem um ou mais capítulos, no segundo caso a publicação diária obriga a uma maior segmentação da cena, sendo a leitura forçosamente mais entrecortada, o que pode retirar peso à descrição e obriga a um maior investimento para prender a atenção do leitor. Por outro lado, Pereira de Castro, ao assumir maior responsabilidade na publicação e impressão da tradução do francês que assina (sem identificar a autoria do original), demonstra maior preocupação com o impacto que tal leitura possa ter no público feminino. Já o *Diário Ilustrado*, podendo exercer um controlo mais imediato na versão que publica em função das reações dos assinantes, parece assumir uma audiência predominantemente masculina ou, pelo menos, mista, recorrendo ao romance-folhetim de Montépin como estratégia para captar e fidelizar leitores, motivada tanto por objetivos comerciais, como justificada por um fim mais nobre, a missão de instrução das classes trabalhadores.

Por último, importa considerar a diferença no suporte de publicação: os fascículos permitem isolar o texto de outros elementos textuais concorrentes, enquanto a sua publicação na secção de um periódico impõe uma convivência forçada com uma multiplicidade de textos, de conteúdo noticioso, informativo, recreativo, e até persuasivo, no caso dos anúncios, que interferem de forma diversa com o texto. A sua publicação num periódico confere-lhe uma dimensão diferente, em que as fronteiras

entre real / ficção ou as diferenças entre um discurso conciso, objetivo e direto / construção literária, invenção e figuração se esbatem.

A análise da circulação e difusão de traduções de populares romances-folhetim franceses na imprensa periódica e livreira portuguesa evidencia dinâmicas de apropriação e adaptação dos originais ao contexto de *recepção*. O estudo da circulação destes impressos no espaço transatlântico tem evidenciado diversas dinâmicas que ultrapassam as tradicionais lógicas de difusão vistas apenas como movimentos do centro (França) para a periferia (Portugal e Brasil).⁶² O confronto entre traduções realizadas em Portugal com traduções produzidas no Brasil, tendo as mesmas obras de referência, afigura-se como um promissor caminho de investigação para procurar desvendar os complexos processos de adaptação e apropriação destes textos, revelando diferenças e pontos de contato em função dos diferentes contextos locais, à luz de um quadro mais dinâmico de interinfluências que tenha em consideração fatores internos e externos que determinaram tanto as escolhas dos tradutores, como a seleção dos textos a traduzir e difundir em função do maior ou menor investimento na divulgação de determinadas ideias, temáticas ou estilos literários.

Bibliografia

- AAVV. Os Bons Romances, 1.º vol. Lisboa: Typ. Commercial, 1870.
- ABREU, Márcia (ed.). The Transatlantic Circulation of Novels Between Europe and Brazil, 1789-1914. Londres: Springer International Publishing, 2017.
- ALMEIDA, Fialho de. Figuras de Destaque: Livro Póstumo. Lisboa: Livraria Clássica, 1923.
- BELDEMONIO. O Mandarim, [2.ª série], n.º I. Lisboa: Empresa Litteraria Luso-Brazileira – Editora, 1883.
- BELDEMONIO (Eduardo de Barros Lobo). A Volta do Chiado. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1902.
- CASTRO, António Urbano Pereira de. Confissões de um Bohemio, tomo I. Lisboa: Typographia Lisbonense de Aguiar Vianna, 1852.

⁶² Abreu, 2017.

- CASTRO, António Urbano Pereira de. Confissões de um Bohemio, tomo II. Lisboa: Typographia Urbanense, 1853.
- CHAGAS, Manuel Pinheiro. Crítica literária: O Peccado de Magdalena, romance traduzido do francês por A.R. de Souza e Silva. O Commercio do Porto, 6 dez. 1866.
- CHAGAS, Pinheiro. Recordações de um jornalista. A Ilustração Portuguesa, 10 maio 1886, p. 3.
- DANTAS, Julio. Figuras de Hontem e de Hoje. Lisboa: Portugal-Brasil Companhia Editora, 3.^a edição, s.d. [1914].
- Diario Illustrado, Lisboa, 1872-1911.
- Galeria Literária, n.º 10, Lisboa, 1853.
- LEMONS, Mário Matos e. Jornais Diários Portugueses do Século XX - um dicionário. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.
- MARCHIS, Giorgio de. E... Quem é o Autor Desse Crime? Il romanzo d'appendice in Portogallo dall'Ultimatum alla Repubblica (1890-1910). Milão: Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto, 2009.
- MARQUES, Henrique. Memórias de um Editor (Publicação Póstuma). Lisboa: Livraria Central Editora, 1935.
- MELLO, Thomaz de. Recordando. Lisboa: Viúva Tavares Cardoso, 1904.
- MELO, Daniel. O intelectual no seu labirinto: alta cultura, romance moderno e nacionalismo no tardo oitocentismo português. Romance Studies, vol. 31, n.º 2, 2013, pp. 123-135.
- MENDONÇA, Henrique Lopes de. A última fase espiritual de Fialho de Almeida. In: BARRADAS, António; SAAVEDRA, Alberto (Org.). Fialho de Almeida: in Memoriam. Porto: Renascença Portuguesa, 1917.
- MEYER, Marlyse. Folhetim: uma História. São Paulo: Companhia das Letras, 2.^a edição, 2005.
- MOLLIER, Jean-Yves. As origens do romance-folhetim: do espaço textual ao recorte de uma obra de ficção. Alea, vol. 20, n.º 3, setembro-dezembro, 2018.
- MONTÉPIN, Xavier de. Confessions d'un bohême. Paris: Degorce-Cadot, 1878.
- MONTÉPIN, Xavier de. Confessions d'un bohême, 5 tomos. Paris: A. Cadot, 1849-1850.
- NADAF, Yasmin Jamil. Rodapé das Miscelâneas: O Folhetim nos Jornais de Mato Grosso (Séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- OUTEIRINHO, Maria de Fátima da Costa. O Folhetim em Portugal no Século XIX. Uma Nova Janela no Mundo das Letras. 2 vols. [Tese de Doutoramento em

- Letras, especialidade em Literatura Comparada]. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.
- P.C.S. [Pedro Correia da Silva]. À benemérita sociedade Retiro Litterario Portuguez no Rio de Janeiro. In: FÉVAL, Paulo; CHAGAS, M. Pinheiro (Trad.). Um Drama da Regência. Lisboa: Biblioteca dos Dois Mundos, s.d. [1864].
- RODRIGUES, A.A. Gonçalves. A Tradução em Portugal, vols. 2-5 (1835-1930). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Lisboa: ISLA – Instituto Superior de Línguas e Administração, SA; Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, 1992-1994.
- RODRIGUES, Ernesto. Mágico Folhetim. Literatura e Jornalismo em Portugal. Lisboa: Editorial Notícias, 1998.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos. As penas de viver da pena (aspectos do mercado nacional do livro no século XIX). *Análise Social*, vol. XXI (2.º), n.º 86, 1985.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos. A elite intelectual e a difusão do livro nos meados do século XIX. *Análise Social*, vol. XXVII, 1992-2.º e 3.º, n.º 116-117, 1992, pp. 539-546.
- SERUYA, Teresa. O discurso sobre a tradução ou ideias dominantes sobre a tradução, de Castilho a finais do século XX. In: SERUYA, Teresa (Org.). *Tradução e Tradutores em Portugal: um contributo para a sua história (Séculos XVIII-XX)*. Lisboa: Tinta-da-china, 2024, pp. 225-296.
- SERUYA, Teresa; MONIZ, Maria Lin (Eds.). *Translation and Censorship in Different Times and Landscapes*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2008.
- VAQUINHAS, Irene. Perigos da leitura no feminino. Dos livros proibidos aos aconselhados (séculos XIX e XX). *Ler História*, n.º 59, 2010, pp. 83-99.
- VAZ, Cecília. *Identidades Boémias em Lisboa: Discursos e Vivências (1850-1914)*. [Tese de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea]. Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, 2021. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/26152>.
- VAZ, Maria João. *Crime e Sociedade. Portugal na segunda metade do século XIX*. Lisboa: Celta Editora, 1998.
- VENUTI, Lawrence. *Translation Changes Everything: Theory and Practice*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2013.

Disponibilidade de dados

Os dados e demais informações obtidas para o presente estudo estão no próprio texto.